

## ENTRE O REGIONAL E O UNIVERSAL

Odiombar Rodrigues (UFSM)  
[odiombar@yahoo.com.br](mailto:odiombar@yahoo.com.br)

Quando falares com homem, olha-lhe para os olhos; quando falares com mulher, olha-lhe para a boca... e saberás como te haver (Simões Lopes Neto – CG, p. 113).

### RESUMO

No centenário da publicação de *Contos Gauchescos* (1912) de João Simões Lopes Neto, ainda há muito por contribuir com o acervo crítico deste escritor sulista. Este estudo estabelece uma ponte entre o regional e o universal nesta obra, pelo exame da linguagem e dos temas abordados. A crítica tem restringido a obra simoniana ao âmbito do regionalismo, o que pouco contribui para a sua divulgação e, ao mesmo tempo, correntes tradicionalistas ficam desconfortáveis diante da visão universal e crítica do autor. É urgente um ponto de vista equilibrado entre o academicismo e o ideologismo tradicionalista para que a obra simoniana possa ser devidamente valorizada. A linguagem é o traço mais regional presente nos textos, enquanto a temática tem profundo sentido universal. A dimensão humana perpassa todo texto, dando sentido muito mais amplo do que a imagem de herói mítico, lendário. Além da crítica, este ensaio tem por objetivo incentivar professores a abordarem os textos de Simões de uma forma abrangente e atualizada, despertando nos alunos o apreço por tão rico repertório humanístico e crítico.

### 1. Introdução

Nas comemorações do centenário da publicação de *Contos Gauchescos* de João Simões Lopes Neto (1865-1916), muitas atividades estão programadas e há promessa de diversas publicações que, com certeza, trarão novos conhecimentos sobre a obra deste grande escritor gaúcho. Os eventos, em geral, são marcados por uma visão regional do escritor pelotense o que, embora verdadeiro, não recobre toda a complexidade de

sua produção literária, pois seus textos estabelecem fortes conexões com o universal, através do rompimento do tempo e do espaço, criando um mundo simbólico capaz de representar o ser humano em toda a sua amplitude.

A visão mais comum é relacionar os textos simonianos à simplicidade e à espontaneidade, porém estas características, muitas vezes, provocam engano, fazendo alguns considerarem seus textos à beira da ingenuidade. Nada mais enganoso. Os temas, o espaço e o tempo trazem marcas locais, mas a construção do texto e o posicionamento do autor estendem os horizontes para além do Mampituda. A complexidade da formação social do Rio Grande do Sul permeia seus contos, bem como a linguagem reproduz construções linguísticas sofisticadas ou provenientes do falar português do século XVIII e XIX, deixando de ser apenas um registro da fala regional de sua época. Este registro lexical importante tem servido tanto para despertar o interesse de estudiosos, como certo entrave para o leitor contemporâneo e menos afeito aos estudos da linguagem.

Num exame detalhado, pode-se observar que o simples, neste caso, está longe de se identificar com o ingênuo. Simplicidade, no caso da obra simoniana, é presentificar a fala e os temas populares num texto elaborado. A linguagem regional não resulta do simples registro ou do improvisado, mas do esforço constante no sentido de produzir o texto elaborado. Por trás de cada fala das personagens há um pensador que avalia e reelabora e não apenas um registrador da oralidade.

Não se sustenta também, a tese de que João Simões seja um simples falante no afã de valorizar seu próprio linguajar. Como se sabe, o autor foi sempre um homem urbano e todo o seu conhecimento advém de viagens e do senso de observação. Além de ter passado parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde estudou medicina (sem concluir o curso), viveu o restante de sua vida em Pelotas, sua terra natal. Pelotas, principalmente na época de Simões, notabiliza-se pela intensa movimentação cultural e o autor de *Contos Gauchescos* sempre esteve ligado às rodas intelectuais de seu tempo.

O presente artigo percorre um caminho entre o estudo da linguagem e da literatura, avaliando o modo de representação da cultura gaúcha e a fala das personagens na obra *Contos Gauchescos* (1912) de João Simões Lopes Neto. O estudo objetiva, também, incentivar o uso pedagógico da obra do autor. Há uma contradição neste aspecto. Professores a-

qui do sul, deixam de lado a obra por considerá-la um tanto *simplória*, enquanto de outras regiões são desestimulados pela dificuldade do léxico. São dois enganos que gostaríamos de desfazer.

Para rever o texto há necessidade de percorrer um trajeto que evidencie as raízes da cultura gaúcha, bem como a composição étnica da qual resulta. A pretensão deste artigo não vai além do objetivo de provocar uma discussão sobre a obra de João Simões Lopes Neto sob um olhar menos regionalista.

## 2. *A obra*

Publicados pela primeira vez, em 1912, a obra permaneceu pouco divulgada. Na década de quarenta, o trabalho minucioso de Carlos Reverbel, *Esboço Biográfico em Tempo de Reportagem*, publicado na edição crítica de 1949 de *Contos Gauchescos*, pela editora Globo traz à luz de toda a sociedade este acervo literário importantíssimo. Este é um estudo que tem balizado toda a crítica simoniana. Na década de oitenta, a obra *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*, de Flávio Loureiro Chaves, dá aos estudos de Simões um caráter crítico acadêmico, permanecendo como referência obrigatória para a crítica especializada. No campo biográfico, um excelente estudo é *Simões Lopes Neto na intimidade*, um autorizado texto escrito por sua sobrinha-neta Ivete Simões Lopes Barcellos Massot.

Há muitos outros ensaios sobre o autor e sua obra, pois é sempre um desafio abordar Simões, principalmente pela relevância, complexidade dos textos. Relevância pela sua posição na série literária que aborda o regionalismo e pela complexidade com que o homem gaúcho é aí representado, dando margem a pontos de vista, muitas vezes divergentes.

A literatura regional no Rio Grande do Sul, além de sempre presente, tem sólidas bases na tradição literária. O caminho da prosa não coincide com o da poesia, o que nos força a deixar de lado as discussões sobre o cancionário. A narrativa gaúcha tem como ponto de partida o texto de Oliveira Belo, *Os Farrapos* (1877), embora possamos encontrar outras narrativas anteriores<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Caldre e Fião publicou *A divina pastora* (1847) e *O corsário* (1851), bem antes de *Os farrapos* de Oliveira Belo, mas deixamos de lado por não apresentarem temática pampiana. Registre-se também que *O Gaúcho* de José de Alencar é de 1870.

A trajetória que a literatura gaúcha percorre até Simões Lopes Neto é bastante limitado pelas representações do herói gaudério e romântico. É com Simões que se inicia uma produção crítica e desafiadora. *Contos gauchescos* é uma reunião de textos curtos que abrange, tanto narrativas do cotidiano, como eventos da história, apresentando, também, um pequeno texto descritivo do modo de viver do gaúcho. As edições tradicionais costumam incluir *Lendas do Sul*, conforme edição original. Contando com as lendas, a obra traz vinte e dois textos. Para este estudo nos restringiremos aos contos.

A obra revela certa tendência de idealização do gaúcho quando o compara com personagens de fora do estado, é o caso do *castelhano* no conto “Deve um queijo” e do baiano (ilhéu) no conto “Melancia – coco verde”. Tal atitude, um tanto bairrista, não pode ser atribuída ao autor, mas fruto da cultura local que tem certa resistência à aceitação das diferenças. O negro surge em textos como “O negro Bonifácio”, retratado como *negro pachola*. Há também textos históricos como “Duelo de Farrapos” e “O anjo da vitória”. Quando fala de um gaúcho, descendente de estrangeiros (espanhol e gringo) a linguagem traz um sentido dúbio, talvez, revelando certa resistência, mesmo referindo-se a um personagem nativo:

(1) ...o dono era um sujeito alarifaço, cá pra mim, desertor, meio espanhol meio gringo, mas muito jeitoso para qualquer arreglo que cheirasse a prata. (p. 90)<sup>18</sup>

Ao contrário do caráter heroico e extrovertido, há personagens que revelam o sofrimento, como em “Contrabandista” e “Penar de velhos”, e a crueldade como em “O boi velho”, expondo uma imagem pouco difundida do gaúcho. Esta dicotomia entre o *herói* e o homem simples é que dá a obra um caráter mais humano e universal, ultrapassando as fronteiras do ufanismo tradicionalista. A maioria dos textos são relatos do cotidiano, revelando o homem dentro de seu contexto histórico e social.

### 3. *Regional e Universal*

Machado de Assis já adverte que a literatura brasileira busca o sentido regional como uma forma de identidade, para contrapor-se aos

---

<sup>18</sup> Todos os exemplos são retirados da obra *Contos Gauchescos*, da edição indicada na referência bibliográfica final, marcados apenas com a indicação da página.

modelos europeus. Tal preocupação machadiana não significa transformar a literatura em texto documental, capaz de retratar com fidelidade a *cor local*, mas contribuir com uma reflexão sobre as alternativas que possam criar no Brasil uma literatura independente e pujante. No caso do Rio Grande do Sul, a vertente regional sempre foi um manancial importante, pois o primeiro tema retratado é a Revolução Farroupilha, com heróis e suas façanhas.

A relação entre literatura e história é mais ampla do que os relatos dos romances históricos, pois revela o *compromisso* do autor com seu tempo, bem como do leitor ao interpretá-lo. João Simões, dentro de seu horizonte de vida, deixa aos leitores um registro de suas vivências e conhecimento de mundo, sendo seus textos um modo de partilharmos com os homens do século XIX a visão de mundo que regia a sociedade gaúcha de então.

A linguagem é o maior registro de épocas e ideologias, pois em suas relações semânticas e seleção vocabular é capaz de fixar o momento e tornar-se indicador seguro para a compreensão do momento estudado. No caso de João Simões, é muito importante perceber o contexto histórico retratado pelo autor. Na apresentação da personagem Blau Nunes, narrador do texto, o autor traça um mapa de todo o Estado, revelando as andanças da personagem e o contato que manteve com as diversas comunidades regionais. Na dimensão histórica revela sua época ao indicar o fato de ter sido *furriel* farroupilha, tendo dado baixa devido a ferimentos sob o comando de Tamandaré, na Guerra do Paraguai. Com este perfil, Blau apresenta-se como um taura longevo e com muitas histórias para contar:

(2) ...entre o Blau – moço, militar – e o Blau – velho, paisano –, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações – casos, dizia –, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas no fundo de uma arca. (p. 4)

Dentro desta dimensão histórica e espacial, João Simões coleta fatos históricos, lendas e *casos* que compõem a obra *Contos Gauchescos*, marcando seu *compromisso* com a cultura gaúcha, mas como adverte Flávio Loureiro Chaves (2004), tal *compromisso* não pode se confundir com o *engajamento* à moda Sartre. Posterior a Lopes Neto, surgiu o *tradicionalismo*<sup>19</sup> (1935) que construiu, ideologicamente, uma imagem do gaúcho, criando mito que não condiz com a realidade. A obra simoniana

---

<sup>19</sup> É importante não confundir *tradicionalismo* com *nativismo*, bem como *gaúcho* com *gauchesco*.

é gaúcha, mas não participa do ufanismo gauchesco. Embora também revele alguns traços importantes do caráter do gaúcho, ela não deixa de trazer as contradições do ser humano. Assim como “Trezentas onças” reforça o sentido de honestidade e lealdade, “Boi velho” revela a crueldade como componente da personalidade do gaúcho. Da mesma forma que “Duelo de farrapos”, denota heroísmo, o conto “Penar de velhos” mostra a penúria do velho, pela fuga do filho e a decadência da família em função da falta do piá na casa.

Esta dimensão mais humana e menos mítica torna as personagens de Simões Lopes Neto menos identificadas com o gauchismo e mais próximas do universal. Talvez este fato seja um fator de dificuldade da circulação da obra simoniana, pois alguns setores do *tradicionalismo* o consideram um tanto *incômodo* enquanto outros críticos o consideram muito próximo do regionalismo ingênuo. Romper estes preconceitos parece ser a melhor contribuição que podemos dar à compreensão deste grande escritor gaúcho.

O estudo do texto regionalista tem sido pouco estimulado em sala de aula e mesmo desprezado pela crítica especializada, pois nem sempre consegue dar guarida a padrões de estética previstos pela crítica estrangeira. Neste sentido, é fundamental uma leitura do texto da professora Lígia Chiappini, no qual adverte:

Regionalismo na literatura, como tema de estudo, constitui um desafio teórico, na medida em que defronta o estudioso com questões das mais candentes da teoria, da crítica e da história literárias, tais como os problemas do valor; da relação entre arte e sociedade; das relações da literatura com as ciências humanas; das literaturas canônicas e não canônicas e das fronteiras movidas entre clãs. Estudar o regionalismo hoje nos leva a constatar seu caráter universal e moderno. (CHIAPINI, 1995, p. 4)

Este sentido de *universal e moderno* é que necessita ressurgir da obra de Simões, tanto através dos temas como da avaliação da linguagem. Esta passagem do regional ao universal que parece, a um primeiro momento, consistente é na verdade uma linha muito tênue.

A dificuldade de estabelecer este limite entre o universal e o regional na literatura rio-grandense leva a professora Gilda Bittencourt a considerar a evolução do conto regionalista gaúcho em duas grandes fases: a primeira abrange o período das origens até a metade do século passado e a segunda fase da década de sessenta à atualidade. Tal divisão apenas nos indica que o conto regionalista gaúcho é uma tendência que ultrapassa as fronteiras de classificação estética propostas pelos estudos de

crítica literária. O que distingue a produção literária, dentro destas fases, é a temática abordada. Neste caso, a professora citada apresenta um quadro ilustrativo:

Na verdade, pode-se dizer que houve no mínimo quatro regionalismos na literatura rio-grandense: um romântico, que idealizou o herói-gaúcho e o passado guerreiro; um tradicional, de cunho real/naturalista, que fixou as transformações da sociedade campeira e o desaparecimento do antigo gaúcho; um que se propôs a transformar a tradição sob o influxo do modernismo com base no modelo de Simões Lopes, e um regionalismo que podemos chamar de crítico social, na medida em que denunciou a desestruturação da sociedade campeira e a proletarianização do gaúcho (BITTEENCOURT, 1999, p. 22)

Como se pode observar, João Simões é um autor clássico neste regionalismo crítico, capaz de revelar as transformações pelas quais a sociedade gaúcha passou e passa.

#### **4. A linguagem**

Guilhermino César chama a atenção para o valor da linguagem na obra de Simões, principalmente, pelo vocabulário, evidenciando a trajetória do falar campeiro rumo à zona urbana. O forte processo migratório do campo para a cidade, no início do século XX, incentivou a adoção de muitos termos do falar pampiano pelos habitantes das emergentes cidades. Este processo tornou-se mais intenso e artificial a partir do MTG, na década de trinta.

O que vale acentuar, na oportunidade, é o seivoso, o original da linguagem coloquial gaúcha, tão artisticamente transladada à ficção por um escritor admirável como J. Simões Lopes Neto. É a vitória, na luta pela expressão, de uma linguagem que pende à terra, busca raízes no âmago da campanha. Tal instrumento de comunicação forjou-se nos fogões gaúchos, nas lides do campo, de lá invadiu as cidades, criando para as tristes cousas urbanas o disfarce agreste de nomes ingênuos ou rudes. (CESAR, 1971, p. 38)

Sob o ponto de vista da linguagem, o que podemos estabelecer como objeto de estudo? Este é um ponto fundamental para iniciarmos as nossas especulações. A linguagem literária, vista sob o ponto da variação linguística, pode contribuir decisivamente tanto para a compreensão do texto, quanto para a valorização da cultura de uma região. Dentre as possibilidades de estudo da variação como época, região, classe social ou situação de comunicação, a obra de João Simões nos apresenta um precioso repertório para estudo.

A época é um fator determinante, pois Simões está centrado em

seu tempo (1865-1916), mas recolhe exemplares linguísticos de três vertentes históricas: o português, trazido pelos imigrantes açorianos; o falar rude do homem da região da campanha, e o contato com o espanhol.

O espanhol é uma grande fonte através dos falares fronteiriços entre Uruguai e Argentina. Este falar, presente mesmo na atualidade, é uma mescla lexical que resulta em variantes denominadas de *portunhol*. Muito oportuno é o estudo da professora Eliana Rosa Sturza – *Línguas de Fronteira*, no qual caracteriza este falar:

... o fato de que no mapa das variantes dialetais do português do Rio Grande do Sul, a região da fronteira está caracterizada por seu conservadorismo luso e por influxos do espanhol no linguajar do gaúcho, especialmente na linguagem informal e no meio rural (STURZA: disponível na internet).

Há abundantes exemplos de cruzamentos entre espanhol e português, mantendo uma mescla natural para a fala das personagens representadas. O conto “Trezentas onças” que abre a obra já nos permite uma série de ocorrências, evidenciando tanto a presença do espanhol como a permanência do falar do português antigo:

(3) – ...um cachorrinho brasino, um cusco mui esperto...(p. 5)

(4) – ...ao tempo que dava – boas tardes – ao dono da casa...(p. 6)

(5) – ...A la fresca....(p. 6)

(6) – ...Na sala havia uns quantos paisanos... (p. 10)

A apócope que ocorre no exemplo (3), *mui/muito*, está de acordo com a tradição da língua portuguesa e, ao mesmo tempo, aproxima-se da forma espanhola. Assim, não é apenas uma questão de contato linguístico, mas a permanência de formas mais antigas no falar cotidiano sulista.

A expressão espanhola *buenas tardes* sofre um aportuguesamento através da tradução de *buenas/boas*, mantendo a forma plural para *tardes*. Não é raro ouvir-se na campanha a expressão genuína espanhola *buenas tardes*, revelando a circulação livre do léxico.

A expressão *a la fresca* é muito interessante, pois corresponde a um arcaísmo. É um advérbio de lugar *a cá* e *a lá*, *cá* e *lá* na contemporaneidade. A forma *a cá* tem ampla circulação na atualidade, sendo que *la*, permaneceu através de expressões como *a la fresca*, *a la cria* e tantas outras, mais como *ao modo de*.

O termo *paisano* designa indivíduo civil, não fardado. A particularidade é que a pronúncia corrente na região da campanha é com som de



/z/ e não /s/ o que acompanha a fonética espanhola, registrando mais um cruzamento entre os dois falares.

Além destas questões vocabulares, é muito importante o exame do plano sintático. A construção sintática é muito bem elaborada e comprova o fato de que os textos não são meras transcrições da fala, mas são elaborações muito bem articuladas. Entre muitas possibilidades de estudo, vamos-nos dedicar um pouco ao exame da repetição como processo estilístico capaz de atribuir novas significações.

O texto de Simões Lopes Neto apresenta com frequência repetições que, ao invés de truncarem a progressão discursiva, dão-lhe um ritmo mais sofisticado. Tais repetições podem ocorrer tanto no nível lexical, quanto no sintático.

Processo muito interessante de repetição ocorre no conto O Anjo da Vitória. Na *Obra Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*, o professor Flávio Loureiro Chaves estuda a trajetória do *bichará*<sup>20</sup> na narrativa, estabelecendo a relação entre as etapas da vida da personagem e os acontecimentos históricos. O *bichará* é considerado como o elo integrador do texto. Diz o crítico:

Seu objetivo é a revelação do eu que fala e presta depoimento de si mesmo. E esta revelação, por fim obtida, orienta o efeito final pretendido por Simões Lopes Neto na mescla dos contrastes, englobando o real e o fantástico, fundindo também o desastre coletivo e o drama individual. Garante-o a criação do motivo do bichará, explicando-se aí o recurso à reiteração.... (CHAVES, 1982, p. 201)

Sob o ponto de vista linguístico, este signo, o *bichará*, sofre uma transformação constante e sua repetição não se torna apenas uma questão de ênfase, mas revela outra forma do processo de repetição. Observe-se a sequência de citações:

(7) ... e depois nos deitamos nos pelegos, com os pingos pelas rédeas mameados: ele, armado, mateando; eu, enroscadito no meu bichará, e o ordenança, que era um chiru ombrudo, chamado Hilário, pitando. (p. 78)

(8) O meu padrinho levantou na rédea o azulego: e de espada em punho, o chiru, com uma lança de meia-lua e eu entre os dois, enroscadito no meu bichará... (p. 78)

(9) Naquelas correrias, o meu bicharazito, às vezes, enchia-se de vento, e voava, batia aberto, que nem uma bandeira cinzenta... (p. 79)

---

<sup>20</sup> O *bichará* é um pala rústico, feito com lâ na cor natural, não se confunde com o pala nem com o poncho. Uma boa descrição, encontramos em: <http://www.youtube.com/watch?v=B-Su0gphXjg>

(10) Foi então, que, sem saber como, já de a cavalo, enquanto sem eu sentir as lágrimas caíam-me e rolavam sobre o bichará... (p. 81)

(11) O meu bicharazinho se empantufou de vento, desdobrou-se, batendo como umas asas... (p. 82)

A questão espacial da relação entre a personagem e o *bichará* é evidenciada pela repetição do termo, porém em circunstâncias distintas. Nos exemplos (7) e (8) há uma aproximação entre a personagem e o *bichará*. Nos momentos em que o espaço aberto toma volume na narrativa, como nos exemplos (9) e (11), ocorre o distanciamento entre eles, ao mesmo tempo em que a apresentação morfológica também varia, assumindo o diminutivo. No exemplo (10), um momento de dor, o eu da personagem se projeta sobre o *bichará*.

Além da questão social, estudada pelo Dr. Flávio Loureiro Chaves, a questão linguística se sobressai no momento em que se observa o valor da repetição e o efeito da alternância entre as formas *bichará* e *bicharazito*. O termo no grau normal evidencia o objeto do seu uso, enquanto que o diminutivo agrega o sentido de orgulho, revelado pelo processo metafórico que se estabelece entre o *bichará* e as *asas* que batem ao vento.

Esta elaboração linguística é testemunho de que o texto simoniano é bem mais do que transcrição da fala gaudéria. Processos de construção dessa natureza são frequentes. Um estudo mais amplo do processo de repetição na obra de João Simões está publicado na Revista do Centro de Artes e Letras da UFSM (RODRIGUES, 1979, p. 83-100).

O estudo da repetição, sob a perspectiva da linguística do texto na obra de João Simões, é uma contribuição nova tanto aos estudos literários, como nos da linguagem. Numa primeira abordagem, muitos aspectos deixam de ser estudados, mas tornam-se marcos referenciais para novos projetos de pesquisa.

## 5. *O gaúcho*

O estudo da imagem do gaúcho na obra de Simões Lopes Neto é um tema muito complexo para um pequeno estudo como este, mas vamos abordar algumas questões que me parecem pertinentes. São abundantes os textos críticos que mostram a valentia, a lealdade e pujança do gaúcho, sendo desnecessário retomar estes aspectos. Vamos tomar dois contos para evidenciarmos outra imagem que nem sempre tem merecido

a devida atenção, talvez por não se enquadrar muito bem nos padrões reconhecidos e autorizados por setores mais tradicionais.

O nosso interesse recai sobre os contos *Contrabandista* e *Penar de Velhos*. Ambos trazem aspectos de tragicidade, revelando uma face mais humana e sofrida do gaúcho.

O *Contrabandista* é uma história simples. Jango Jorge, já velho, “casado ou doutro jeito, estava afamilhado” (p. 84), com uma filha nos preparos do casamento. O velho gaúcho vai buscar o vestido de noiva e o restante do enxoval, além-fronteiras. Pego pelos guardas, é morto com o pacote do vestido preso ao peito. Um dos parceiros da empreitada relata:

(12) A guarda nos deu em cima... tomou os cargueiros... E mataram o capitão, porque ele avançou sozinho pra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto... e ainda o amarrou no corpo... Aí foi que o crivaram de balas... parado... Os ordinários!... Tivemos que brigar, pra tomar o corpo! (p. 89)

Há que ter entendimento do fenômeno das trocas entre fronteiriços. O objeto do *contrabando* é apenas o melhor presente que ele podia dar à filha no dia do casamento. Jango Jorge não era inexperiente, conhecia muito bem os caminhos e os atalhos, foi o trágico que o fez tombar nesta última aventura, sua transgressão à ordem é um desejo de pai. As leis transformam as fronteiras em limites, dividem as famílias e classificam as pequenas trocas como crime. Como o texto diz, “Nesta terra do Rio Grande sempre se contrabandeou, desde antes da tomada das missões.” (p. 85). De que se fala aqui, não é o contrabando de drogas e armas que hoje infestam nossas fronteiras desprotegidas, ou o comércio clandestino que engorda as contas bancárias de comerciantes. O que está presente aqui é o intercâmbio espontâneo entre grupos sociais, muito bem acostumados à convivência.

Muito se fala, hoje, em integração, MERCOSUL e muitos outros projetos econômicos que em nada contribuem para a relação entre as comunidades fronteiriças. São interesses econômicos maiores que se sobrepõem a práticas centenárias. O prejuízo não advém da salutar convivência familiar nesta região, mas é fruto da ganância e da incúria oficial que não protege nossas fronteiras dos criminosos que lá chegam como abutres a explorar o que não lhes pertence. Jamais teremos integração enquanto os interesses políticos prevalecerem sobre o convívio fronteiriço. O cidadão da fronteira (*doble chapa*) não pode ser confundido com o contrabandista. Fronteira não é limite, é uma zona em que as comunidades vivem e se organizam através de regras há muito solidificadas.

A abordagem de um conto como este permite ir muito além das questões estilísticas e teóricas para trazer à discussão aspectos mais pertinentes para a formação da cidadania e a consciência crítica. Falar em MERCOSUL, atropelar a geografia e incluir aí a Venezuela, graças a alinhamentos ideológicos, é atitude enganosa quanto à política de integração das comunidades fronteiriças.

Trazemos um tema como este à discussão porque acreditamos que o estudo da literatura vai muito além da busca de metáforas e metonímias. A literatura é o campo apropriado para a formação do cidadão e para o desvelamento das ideologias que permeiam as políticas públicas. Para os que gostariam de permanecer acomodados nos meandros teóricos, apontamos aspectos muito interessantes neste conto.

Na descrição da personagem, o autor utiliza um processo muito singular em termos de sinestesia, construído com elementos da linguagem campeira. Olfato, audição e gosto estão presentes no texto abaixo:

(13) Conhecia as querências, pelo faro: aqui era o cheiro do açouta-cavalo florescido, lá o dos trevais, o das guabirobas rasteiras, do capim-limão; pelo ouvido: aqui, cancha de gramaxains, lá os pastos que ensurdecem ou estalam no casco do cavalo: adiante, o chape-chape, noutro ponto, o areão. Até pelo gosto ele dizia a parada, porque sabia onde estavam águas salobres e águas leves, com sabor de barro ou sabendo a limo (p. 83).

A referência geográfica é bem precisa, assim como a histórica para formar o contexto do conto:

(14) ...Jango Jorge, um que foi capitão duma maloca de contrabandistas que fez cancha nos banhados do Ibirocaí. (p. 83)

(15) (Jango Jorge) tinha vindo das guerras do outro tempo; foi um dos que peleou na batalha de Ituzingo; foi do esquadrão do general José de Abreu (p. 83).

Estas duas passagens falam do local e do tempo. Ibirocaí é um pequeno riacho entre Alegrete e Uruguaiana, região da fronteira com a Argentina. O tempo é marcado pela atuação da personagem na Batalha de Ituzingo (Batalha do passo do rosário), ocorrida no dia 20 de fevereiro de 1827. Este foi um revés para o Exército Imperial, o comandante brasileiro, Marquês de Barbacena, teve de bater em retirada. Não é por acaso que Simões Lopes Neto toma este episódio histórico para marcar a bravura de sua personagem. Fica o caminho aberto para quem quiser ampliar o estudo deste episódio controverso.

O outro conto que tomamos como estudo é *Penar de velhos*. Nele

podemos encontrar o gaúcho como vítima de sua própria violência. O guri, de nome Binga, inicia uma brincadeira de criança, correndo atrás de avestruzes. Vendo que não conseguia laçar nenhuma ave, apela para a montaria preferida do pai. Após correr muito pelos campos e ver frustrado seu intento, retorna a casa e deixa o cavalo já exausto. No outro dia o animal amanhece morto.

O velho toma o *rabo de tatu* para bater no menino, este foge numa corrida montado num matungo. Nunca mais foi visto. Os velhos definham até a morte. A saudade do filho não é objeto de comentário ou lamento, mas o autor revela que:

(16) Quem sabia do caso até nem falava nele... era tão penoso o sofrer daqueles velhos, que não diziam nada, a a gente entendia tudo (p. 106)

O menino, já com doze anos, considera-se homem e não permitiria apanhar na frente dos agregados; o velho, diante da perda de seu animal de estimação, não tem outra atitude a não ser a violência que no contexto da cultura é um ato normal. Simões coloca diante do leitor estes dois parâmetros: o orgulho do menino que já se considera adulto e a consequência da atitude impulsiva do pai. O choque entre estes dois valores constitui o trágico que leva à morte do casal de velhos. Hoje, com todas as mudanças nas relações pai-filho, um texto como este é um excelente ponto de partida para reflexão.

Assim é Simões, ele coloca o leitor diante de situações que, sendo extremas, faz com que a discussão possa ser prolongada, deixando de ser apenas uma narrativa regional, de entretenimento, passando a ser um profundo exemplo de contradições que se mantêm na cultura universal, a luta entre o particular (casamento da filha / relação familiar) e as regras do mundo público.

O intimismo é tratado de forma diferenciada. Nos dois textos estudados, o narrador é que toma a palavra, o leitor não tem o testemunho da fala da personagem. Estes dramas pessoais são tão particulares que, como diz o texto, todos sabiam do drama, mas ninguém ousava falar no assunto. O particular fica no mundo do relato em terceira pessoa, enquanto o herói tradicional leva ao leitor seu discurso direto.

Apreciados estes dois exemplos, sob a ótica proposta desde o início, podemos retomar a leitura de João Simões, percorrendo o caminho já tradicional que se inicia com o exame do conto *Trezentas Onças*, o grande clássico de exemplo da lealdade e honradez do gaúcho.

## 6. Conclusão

Muito longe de considerarmos acabada esta discussão, temos certeza de que alguma instabilidade foi produzida na tradição crítica do autor pelotense. Nada do que foi dito objetiva ampliar ou reduzir o valor de sua obra, mas recolocá-la no patamar de igualdade com os demais escritores brasileiros. Ver Simões reconhecido além-porteiras do Rio Grande é o grande desejo nosso, pois é um escritor que muito contribui para o entendimento de nossa cultura e que, ainda não tem merecido atenção justa por parte da crítica brasileira.

Ao estudarmos João Simões, priorizamos sua relação com a cultura, deixando um tanto de lado as questões teóricas tanto de literatura, quanto de linguagem. A abordagem direta tem a intenção de incentivar os colegas professores a reavaliar a obra simoniana dentro do contexto contemporâneo. O caminho é dificultado pelo vocabulário, mas há muitos dicionários especializados que auxiliam nos momentos de dificuldade. Por outro lado, levar o aluno a um descolamento no estudo das variantes linguísticas, privilegiando o aspecto regional e deslocado no tempo, torna-se interessante pelo fato de que o aluno deixa de reconhecer variantes apenas nos aspectos sociológicos e ligados ao seu tempo. O valor desta pesquisa não deve ser reconhecido pela exatidão das discussões, mas pela provocação que possa surgir, levando cada vez mais leitores ao mundo deste tão querido escritor.

Há o desejo permanente entre os professores de literatura de transformar alunos em leitores, porém isto não é objetivo que possa ser alcançado por nós. O jovem pode tornar-se um grande leitor, mas a nossa contribuição não ultrapassa os limites do exemplo. Nesta questão a grande mestra Lígia Cademartori adverte com propriedade:

Não estou dizendo que todo jovem pode ser transformado em leitor por obra e graça de um professor. Não somos tão poderosos assim. Capacitar os estudantes à leitura, desenvolvendo suas competências linguística e textual, é uma coisa. Transformar alunos em leitores de literatura é outra. (CADEMARTORI, 2009, p. 90)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- CADEMARTORI, Lígia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

\_\_\_\_\_. *História do Rio Grande do Sul: período colonial*. Porto Alegre: Globo, 1970. (Col. Província)

CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: realismo & sociedade*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

\_\_\_\_\_. *Lopes Neto: regionalismo & literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

\_\_\_\_\_; BATISTI, Elisa (Orgs.). *Cultura regional*. Caxias do Sul: E-duc, 2004.

CHIAPINI, Lígia. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 15, 1995, p. 153-159.

LOPES NETO, João Simões. *Casos do Romualdo*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

\_\_\_\_\_. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre: Globo, 1965.

\_\_\_\_\_. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Disponível em:  
<http://www.superdownloads.com.br/download/57/contos-gauchescos-joao-simoes-lopes-neto/>

LOVE, Joseph. L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 30*. Trad. Adalberto Marson. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MASSOT, Ivete Simões Lopes Barcelos. *Simões Lopes Neto na intimidade*. Porto Alegre: BELS, 1974.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973.

REVERBEL, Carlos. Prefácio. In: LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre: Globo, 1953.

RODRIGUES, Odiombar. A retórica da repetição. *Revista do Centro de Artes e Letras*, UFSM, 1979, p. 83-100.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

\_\_\_\_\_. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985.